

7.05.99 - História.

PARA ONDE CORRIA O RIO: USOS, PRÁTICAS, HÁBITOS E COSTUMES.

Maria da Penha S. Lima^{1}, Paula Cristiane de Lyra Santos², Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis³,
Vanusa Alexandre Ferreira⁴*

*1. Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri – UFCA;
2.. Professora do Dpto. de História da Universidade Regional do Cariri-URCA/Orientadora; 3.
Professora Dpto de História/URCA; 4. Graduada em História pela URCA.*

Resumo:

O estudo trata da história socioambiental do Rio Grangeiro, localizado na região do Cariri cearense, extremo Sul do Ceará, no município do Crato, entre os anos de 1930-1980. A pesquisa embasa-se numa literatura voltada, principalmente para a História Ambiental. Como caminho metodológico, recorreu-se à observação direta e à pesquisa documental e entrevistas. Volta-se para as práticas frente ao ambiente natural, costumes e hábitos da população ao longo dos anos. Discute e analisa formas de relações estabelecidas, em especial, pela população cratense com o meio ambiente, sobretudo com o Rio Grangeiro. Conclui-se que esta relação foi marcada, ao longo do tempo, pela apropriação de suas margens, leito e o desvio de seu curso, seja para uso doméstico, cultura do gado e da agricultura, especialmente a cana de açúcar, bem como de outras práticas que ocasionaram a destruição da sua mata ciliar, e a diminuição do volume d'água. O rio transformou-se assim em lugar de depósito de detritos humanos.

Autorização legal: Comitê de Ética em Pesquisa/CEP da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri/FMUF, tendo como instituição proponente a Universidade Federal do Cariri – UFCA, com o título: Rio

acima, rio abaixo: uma história socioambiental do rio grangeiro (1930-1980). Parecer de número 1.378.347, aprovado em 21/12/2015, disponível na Plataforma Brasil, no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>

Palavras-chave: Rio Grangeiro; Práticas Culturais; História Ambiental.

Apoio financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Introdução:

A presença humana, onde quer que se apresente é fortemente marcada pelas problemáticas ambientais. Ao longo dos anos estas questões só se agravam. O município do Crato/CE não contraria essa realidade, práticas, costumes e hábitos dos habitantes mostram visivelmente a degradação ambiental.

Em meados do século XIX, as informações escritas que circulavam sobre o rio, podem ser encontradas no jornal “O Araripe” e nos relatos de viajantes que por aqui passaram. No jornal Araripe assim como no jornal A Ação, já no século XX, as notícias que circulavam sobre o rio em questão, eram apresentadas muito mais como ponto de conflito entre a população, os criadores de gado, os senhores de engenho e os agricultores. De acordo com as reclamações que circulavam, o Rio Grangeiro já era visto

como um lugar de serventia humana.

Por outro lado, o mesmo guarda o encontro de dois mundos, que se conflitam e, carregam em si a história da formação identitária da cidade do Crato, na sua relação com a natureza. Pensar o Rio Grangeiro, seus segredos, lendas, sentimentos, relações é uma tarefa que deve ser compreendida a partir da forte presença dos primeiros povos que habitaram esse local e, mais tarde, a partir do aldeamento destes, da criação de gado, da agricultura, sobretudo, do cultivo da cana de açúcar, dos engenhos, do cultivo do algodão, do fumo e posteriormente do ideário de modernidade, como é o caso da chegada da via férrea a cidade do Crato. Todo esse contexto envolve relações, que contribuíram e desenharam os rumos para onde correu o rio e a natureza à sua volta.

No Crato os rios pareciam disputar os interesses das pessoas, fosse para as necessidades de consumo doméstico, de lazer e higiene, nos banhos, de brincadeiras e folguedos, ou para servir à agricultura em suas margens, bem como saciar a sede de animais, sobretudo do gado. A partir de meados do século XX, ao sopé da chapada, passa a ser visto como lugar de chácaras, clubes, propriedades particulares para servir as elites locais, fortalecendo ainda mais o uso privado de suas fontes, rios, córregos e riachos.

Como objetivos este trabalho visou analisar como foi se construindo historicamente a relação dos habitantes da cidade de Crato no entorno do Rio Grangeiro entre os anos de 1930-1980; identificar a mudança das práticas dos moradores da cidade no entorno do Rio; perceber a diversidade dos papéis assumidos pelos diversos agentes no processo de

transformação do Rio em um canal de coleta de dejetos humanos.

Metodologia:

Considerando as especificidades da História Ambiental, elegemos uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva. Para MARTINELLI (1999), com a pesquisa qualitativa é possível conhecer melhor a experiência social dos sujeitos, percebendo seus modos de vida, práticas sociais, e ainda os valores e costumes envolvidos. Entendemos, nesse sentido, o Rio Grangeiro como um lugar de relações sociais, econômicas, políticas e culturais e, também, como ambiente natural. Portanto, o rio não é um lugar em si mesmo. Partindo desses pressupostos, o estudo aqui realizado entende que a apropriação, representações e relações empreendidas, no rio em questão, situado no Cariri cearense, especificamente na cidade de Crato, é, pois, objeto da História Ambiental.

A partir dessa percepção, foi possível estabelecer relações, comparar fontes diversas, tais como: material iconográfico (fotos), jornais (O Araripe; A Ação), revistas (Itaytera e Província) e fontes orais (12 informantes). Essa possibilidade permitiu abrir um maior diálogo entre a história do rio Grangeiro, outros rios e a história ambiental e, assim, desvendar a história do rio em questão, reconhecendo sua historicidade local, regional e nacional. As palavras de Worster (1991) são considerações pertinentes com o esforço revisionista empreendido por aqueles dedicados a instigante história ambiental, aproximando-se a história de uma metodologia mais “inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido”.

Como primeiros passo da pesquisa nas fontes foi feita a identificação das obras

regionais que em seu bojo trouxessem questões pertinentes a história socioambiental do rio Grangeiro. Em um Segundo momento foram pesquisadas as fontes impresas através de dois processos de pesquisa o primeiro na Hemeroteca Digital do Arquivo Nacional e o segundo no Departamento Histórico Diocesano Padre Gomes – DHDPG, onde foram tratados tanto o jornal A Ação quanto as revistas Itaytera e a Província. Ao longo da pesquisa foram realizadas 10 visitas ao entorno do rio Grangeiro com o objetivo de fotografar e analisar as condições socioambientais do mesmo. Por ultimo foram realizadas as entrevistas com 12 idosos moradores da cidade do Crato que moram na parte central da cidade e já presenciaram diversos momentos de catastrófes acontecidas na cidade, mas também pelo fato do mais jovem ter em torno 70 anos de vida foram contemporaneos de boa parte das transformações pelas quais passou o rio Grangeiro.

Resultados e Discussão:

No século XIX, os caririenses, em particular do Crato se deparavam com uma vasta paisagem hídrica no ambiente da cidade e nos seus arredores. Com a chegada do colonizador e ainda de grupos portugueses, já com a cultura do gado, esse espaço começa a se transformar em objeto de desejo, ambição e disputas pelas suas variadas formas de riqueza e abundância, especialmente a água por ser elemento essencial e necessário à existência do ecossistema, bem como das mais variadas formas de produção e riqueza.

No caso da cidade do Crato, os cursos das águas do rio Grangeiro atenderam a múltiplos usos, desde o consumo humano

direto (agua para beber) até o aproveitamento industrial (rapadura), irrigação, criação animal, pesca, lavagem de roupa e lugar de banho e recreação. Hoje na parte central da cidade serve de canal, onde são jogados os dejetos do lixo doméstico, hospitalar e industrial.

As pontes vão aos poucos se tornando um artefato que registram essas intervenções e apropriações, bem como servido de limite nas relações sociais existentes. O outro lado do rio, vai aos poucos se tornado visível, os bairros Vermelho, a encosta do Seminário, a matinha, são espaços que mostram claramente essa distinção entre pobres e ricos, senhores, donos das terras molhadas e a população em seu entorno sedenta de água. Falar da história do Crato é falar de suas águas, fontes, é falar do rio Grangeiro.

Faz-se interessante notar que a questão ambiental parece não ser da ordem do dia, nem está em pauta para aqueles que estão à frente do poder público ou o poder de fala nos espaços de comunicação, e outros meios de acesso e/ou poder de intervenção. Sabemos que existem profissionais na Região que demonstram sensibilidade para esta temática e que empreendem lutas contra este estado de coisas. Mas, não é leviano afirmar que a questão ainda não se tornou nem uma política pública nem uma demanda dos movimentos sociais.

Conclusões:

A adaptação do homem ao meio ambiente, em especial às margens e leito do rio Grangeiro contribui para o estabelecimento de muitos desequilíbrios, perigos e situações de vulnerabilidade. a ocupação de ambientes cada vez mais instáveis demonstram a pressão antrópica existente, sobretudo em

margens de rios e encostas. O fenômeno das enchentes torna-se cada vez mais frequentes e não existe uma política de educação ambiental e de preservação.

A abundância retratada em seus diversos momentos assumem múltiplos interesses, o próprio rio Grangeiro ora retratado como um simples córrego, diminuto, ora como água em fartura. Essa oscilação reflete a situação das águas da cidade ao longo do tempo: ora cristalinas, outras vezes como água suja, cheia de imundices. Essas várias maneiras de relações com o rio, acresce-se a outras tantas dimensões, a exemplo a abundância de água não era garantia de água potável a todos os moradores.

Referências bibliográficas:

ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão*: Fortaleza-Crato (1859). Vol. I. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.

CORTEZ. Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias Descarrilhadas: O Trem na cidade do Crato**. 235f. : il. ; 30cm. Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História, Fortaleza, 2008.

DRUMMOND, José A. **A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira**. UNB, 1998.

FILHO. J. de Figueiredo. **Engenhos de Rapadura do Cariri**. Documentário da Vida Rural nº 13. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, 1958.

_____. **História do Cariri**. Vol I (capítulo 1- 5). Coedição SECULT. Edições URCA, Fortaleza/CE: UFC, 2010

_____. **Folgedos Infantis Carienses**. Coleção Secult/edições URCA – Fortaleza: edições UFC, 2010.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

MARTINELLI, Maria Lúcia(org). **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos Avançados 24 (68), 2010

_____. **Um Sopro de Destruição: pensamento político e crítica ambiental escravista no Brasil escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**. Irineu Pinheiro. (Edições Fac-símile de edição de 1950) Coedição Secult/ Edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, p. 76, 2010a

_____. **Efemérides do Cariri**. Coedição Secult/edições URCA, Fortaleza: edições UFC, (Coleção nossa cultura, n. 1 séries memória, n. 2). 2010b

PINHEIRO, Irineu, FILHO. J. de Figueiredo. **Cidade do Crato**. Coedição Secult/edições. URCA, Fortaleza: edições UFC, (Coleção nossa cultura, n. 1 séries memória, n. 3) 2010c

REIS JUNIOR. Darlan de Oliveira. **Senhores e trabalhadores no cariri cearense: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX**. 302 f. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2014.

WORSTER, Donald. **Para fazer história ambiental**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4.,n. 8, 1991.